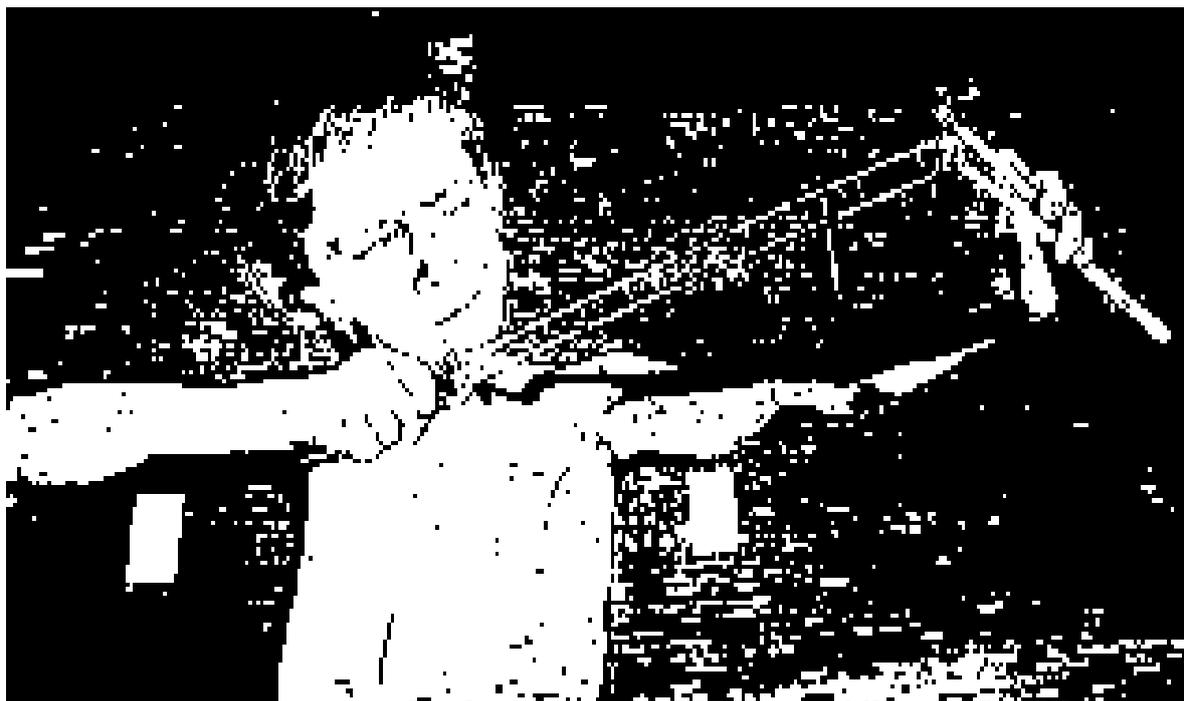


Cícero B. Junior



Cânticos de Cólera,
Paixão

e

Anarquia
(Coletânea de Poemas)

2ª edição

G. E. A



o desertor
edições fantasia

cânticos de cólera, paixão e anarquia

Apresentação

É uma pequena parcela de da produção poêmica, de Cicero Barbosa Junior, vulgo cição, ou c.b.j.

Produzida no decorrer dos anos 80, até o final de 1991, estes poemas são uma fotografia infiel, de um período, no qual c.b.j, em conjunto comigo, Ivan, dávamos nossos primeiros passos no submundo da Paulicéia desvairada.

Autênticos "dois perdidos numa noite suja", os poemas narram, o mergulho no submundo, da poesia, do blues, do punkrock e hardcore, misturados com nossa imersão no anarquismo, sufismo, dentre outras coisas.

dos rolês perdidos, nos cantos mais escabrosos de sampa. numa convivência enriquecedora, com a diversidade LGBTQIA+, do submundo do subúrbio, dos muquifos do centro, aos bares mais podres de sampa. Tudo servindo de inspiração, pra buscar se compreender o incompreensível.

Diluindo e destilando a cólera, face a uma sociedade que nos tornava invisíveis, ao mesmo tempo que reafirmávamos nossa paixão pela transgressão, pela subversão e pela anarquia.

Antecipando uma tendência que viria a se consolidar décadas mais tarde, esta edição, que ora reeditamos pela G.E.A em conjunto com a o desertor edições fantasma e editora Gato Ed, na época foi produzida apenas pelo G.E.A(Grupo de Edições Alternativas),no qual disponibilizávamos produções dos/das compas, e foi produzido especialmente para o evento do "primeiro mês, anarquia, arte e poesia".

Ivan Ribeiro

Apresentando

- 1 - A Imaginação no Topo do Mundo
- 2 - Num Campo de Girassóis
- 3 - O Homem que Vendeu a Própria Sombra
- 4 - Colérico Poema no Plástico
- 5 - Dada
- 6 - Bomba Relógio
- 7 - O Escuro Pretérito
- 8 - Mosaico Futuro

A Imaginação no Topo do Mundo

"Livre da ordem
A imaginação é pregada nas alturas do mundo
A lataria bíblica de Andy Warhol voa
sobre o bairro chinês onde ninguém
parece dar a mínima ao velhaco Xiaoping
Espero que haja imaginária música
soando nas salas de vida humana e computadores
A despeito de democratas defensores da ordem.

Teimosamente a imaginação golpeia as grades
feitas de toda tristeza existente.

"A fome não os deixa pensar com clareza"
A fome é uma velharia política que deve ser execrada
para que a imaginação floresça outra e outra vez.

A lataria búdica de Andy Warhol passa de mão em mão
E flores arrancadas são devolvidas à terra
Embora os conformistas enfileirem-se
para adorar o fruto não nascido.

Palafitas sustentam Wall Street
corrosão imaginária pode fazê-las ceder
A despeito de democratas que espancam filhos e chutam cães
A lataria taoísta de Andy Warhol
Mistura-se às migalhas de deleite
dos fodidos internacionalistas
E nações sofrem o ridículo de seus jovens
que caem fora,
limitável imaginação gira e derruba a muralha
E eu ainda espero que o fruto nasça."

Num Campo de Girassóis

"Vagando num campo de girassóis
À beira de um mundo sem bençãos
Tentamos dizer um ao outro
Rebuscar no passado os sinais.

Este não é um mundo inocente
e a velocidade nos atordoia.

Os velhos discos de 78
reproduzem belas vozes perdidas
Por quanto, não há mais nada a dizer.

Girassóis separados por cercas e estradas
E mesmo que pudéssemos
Nada mais quebrará este silêncio.

Eu tento... Tento fugir de coisas
que passam depressa demais,
As velhas fotografias retratam lugares gloriosos
há muito esquecidos.

Este não é um mundo
livre das molduras da intolerância
E o vento rude sopra...
Ah! Seremos jovens para sempre!
Na solitude dos girassóis
entre cercas e estradas
jovens e silenciados
para todo o sempre."

O Homem que Vendeu a Própria Sombra

Velhos blues e garotos rudes
tornam para o homem
que vendeu a própria sombra.

Fevereiro de 63 é uma perdida página
do livro do absurdo
Nas águas poluídas dos rios humilhados
pela indústria do santo desperdício.

Louis Jordan eternizado
para o homem que vendeu a própria sombra
e que comeu mulheres de maquiagem patética.

As gravações soturnas
Que serviram como morfina
a um mundo ulcerado pela grana,
O santo desperdício do trabalho
E as seringas descartáveis
que se tornaram a nova religião das ruas.

A triunfante indústria de maquiagem patética
torna ao homem que vendeu a própria sombra
e a trindade de seus comparsas:
Bush - Walt Disney - Lex Luthor
Fazem o seu jogo sem falhas
E há uma intensa época de ouro
Com champanha, carregamento de pó celeste
e um milhão de bugigangas
para a voracidade do consumo.

Vivas ao Santo Desperdício!
E os garotos rudes nem sabem quem foi Louis Jordan
E cada um deles está a se passar
pelo homem que vendeu a própria sombra."

Colérico Poema no Plástico

"Gás pacificador e flores de plástico
Tormentosas manhãs para o teu plástico
E quando os olhos da minha ex-amada
se enchem de lágrimas
Nada mais parece ser eterno
E hoje mesmo os transgressores penderão na corda.

Cinzentas manhãs para o teu plástico
E velhas aulas de história onde a justiça
derrota dragões
Mas os meus bolsos vazios retratam esta justiça
A justiça dos Naves; A justiça de Chessman
A plástica justiça de um muro.

Mercúrio e tanque pacificador...
Os meus amigos são perfeitamente estranhos aqui
As voltas com os gorilas que implantaram o terror.

Tristes manhãs para o teu plástico
Nas quais eles ou elas são vítimas
E os outros dão as costas para não se envolverem
E afinal sobrevivem
Para os seus diplomas e casas, carros e amantes.

O estandarte desta justiça trêmula
Ainda que nenhum anjo humano
Erga sua sofrida frente em louvor.

Intermináveis manhãs em teu plástico
Música alta e enganosa euforia
Para um coração devassado
Luxúria para uma alma desfigurada.

Colérico poema despedaçado por uma lei
Cassetete pacificador a golpear impunemente
E os tiranos
Seguem para seus nomes postos em placas e monumentos.

Detestáveis manhãs mergulhadas no plástico
E genialidades entregues ao eletrochoque
E poltronas confortáveis destinadas
as nádegas que venceram na vida.

Com mil índios pagam o casaco de vison
E o novo imposto sobre a desgraça
De qual se farão jornais anunciando
a ausência da guerra.

"Paz e Justiça" servidas em pratos de sopa
Humilhante e caridoso oferecimento aos filhos
da monstruosidade industrial.

Intoleráveis manhãs arremessadas para o plástico
E o operário padrão fabrica projéteis
Que num futuro próximo mandarão para o inferno
Ainda que apenas um novo Kennedy tombado
Fará a massa chocar-se
Pisando sobre os pedaços do colérico poema
Que não lhes serve o venenoso pão diário.

Vergonhosas manhãs
E o chão maldito no qual somos abandonados
Por não existir nada senão
A paz e a justiça do plástico."

Dada

Pequena e nua palavra
na boca da tua criança.

Roupas a secar em sombras urbanas
Se a abraças, abraças a um cadáver digno
De certo ainda pensas que há imortalidade
sob as vestes do engano,
engana-se você.

A criança balbucia e responde
Desta vida - roupas molhadas
Até que a perversão lhe amordasse
Para o prazer bárbaro do pai-deus-patrão
ou o "te amo" de vidro trincado.

Cinzas sobre as cinzas
Dos pacatos, dos nomeados, dos responsáveis
e dos malucos perigosos.

A criança ri
Es-can-da-li-za publicamente
Em repúdio ao mundo hermeticamente fechado
Da permissão magnânima do gozo
rápido e sorrateiro.

Melhor cadáver digno e utópico
Gritando em locais proibidos
O sarcasmo as secadoras automáticas
da época absurdas
A nua palavra que mancha o uniforme.

Bomba Relógio

"Os ponteiros do relógio caminham
contando o tempo a destruir-se,
diamantes ocultos nas caixas de metal
E intoleráveis obrigações que compõem
a intrigante teia social.

Eu conheço a face dos que colaboram
e dos que acumulam,
transparentes faces pelo tempo a destruir-se.

O meu espírito se agiganta nos expropriadores
E os banqueiros perdem o sono
Ao ranger a cama fria da sujeira cristã;
A milenar sujeira cristã que dirige os fatos.

Enxergo por todos os olhos
A face dos delatores estampados
Em meu espírito a mover o próprio tempo.

A resposta repousa nos cofres.

Alarmes, vigias, milícias, espiãs...
Não obstante os ponteiros
não se detenham pelo tempo
a destruir-se."

O Escuro Pretérito

Desconhecido Irmão
Imensos campos aguardam a tua sombra.

Os teus livros nada revelam
E jovens como tu já rolaram para o escuro pretérito.

Certamente és um desconhecido para ti mesmo
E eu vejo a rebeldia cair
O "novo" é a armadilha.

Desertos aguardam a tua doçura
Hell Angel de um segundo corpo
De magia elétrica e combustão
Perdido nas garras do escuro pretérito.

Acaricio a rebeldia tombada
E pego a chave para a estrada
Mas tu sabes que a viagem tornou-se maçante
Ainda que exista uma simplicidade admirável
Além destas palavras.

A podre maçã-metrópole pertence as estatuas,
não a nós
Somos desconhecidos por lá
Valetes do liberticídio atirados ao escuro pretérito
E presos ao metal rebelde.

O "novo" nos vítima
enquanto eu pousa a minha cabeça
sob a tua sombra
e adormeço...

Mosaico Futuro

Ama a transgressão
Amor sofrido amor de trincheiras
E grandeza humana nas ruas, nos fuzis e nas rosas.
Ama a desmedida transgressão
 No dia que se ergue.

Arrebóis e cavaleiros,
 Bucaneros e anjos do asfalto
 da minha e da sua utopia
E o outono passa por nossas vidas
 para o compasso futuro.

Findam as tréguas
Quebram-se as rédeas
E os sinos dobram para o trabalho e o plantio
Fuzis e rosas por nossos beijos de despedidas
 sob o calor sufocante.

Amor! Sofrido amor de trincheiras
A repetir que "a pirataria nunca morre"
 e mesmo as últimas visões
De um entardecer de sangue palestino.

Recordamos fisionomias de irmãos, filhos e pais
Destinos levados no fim do mundo
E para isso louvamos a transgressão
Bendita seja sobre todo resto:
A guerra - A grana - O Estado... Amém
Assim o outono passa
 para o mosaico futuro.